

# Opinão Ama (ta) dores Profissionais

RAÚL ANTELO\*

Amadores sempre houve... Mas agora ser amador é uma profissão verdadeira. A opinião não é minha mas de Mário de Andrade, pensando nas artes paulistas em 1929: "ignorância artística, nenhum preparo técnico. Portanto são amadores legítimos esses profissionais". E a crítica fica amordaçada porque ela nada pode fazer contra o amadorismo. Sob essa desculpa, conclui o crítico, a arte se desvirtua na facilidade, na incompetência e no banal.

Não é muito diferente a situação das Universidades brasileiras, mais de meio século depois dessa diagnose. Devemos, portanto, concluir que os apregoados axiomas modernistas — direito permanente à pesquisa, atualização da inteligência nacional e estabilização de uma consciência criadora — não se verificaram nesta, como tampouco em outras áreas da vida cultural brasileira? Talvez. O que teria falhado? Mário responde já no fim da vida, pensando na música, mas o mesmo se aplica às letras: "o que faz a música de uma nação é um complexo de elementos: escolas, ensino, literatura, crítica, elementos de execução, orientação consciente e predeterminada de tudo e também exigentemente um público. E também a impressão de músicas, e as casas de execução musical..." E no caso das letras, BIBLIOTECAS PÚBLICAS.

O Brasil — é ocioso dizer — possui parca tradição universitária. Treze formados no primeiro século de colonização, trezentos e cinqüenta — sem alusão mariana — no século seguinte. As coleções de livros eram religiosas ou praticamente inexistentes. Às portas do século XXI, a situação pouco mudou: o Estado se revela administrador altamente ineficaz, chegando-se mesmo a acreditar que ele mantém as Universi-

---

\* Professor do Centro de Comunicação e Expressão (Departamento de Língua e Literatura Vernáculas) da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenador da Pós-Graduação em Literatura Brasileira.

dades (e suas Bibliotecas) por causa da miséria do povo e não o povo por causa de suas Universidades.

Baste o caso de Mário de Andrade para atestar que, no tocante à "orientação consciente e predeterminada de tudo, o país vegeta no pré-profissionalismo. O acervo que o autor de *Macunaíma* conseguiu reunir, ao longo dos anos, ultrapassa largamente, qualquer coleção pública do país. A própria Universidade de São Paulo, que recebeu essa coleção, não pôde manter-lhe o nível de representatividade em periódicos, escolas, tendências posteriores. E o mais surpreendente para nós, professores: tudo comprado com seu salário como docente de música. Apesar da ladainha — "estou miquiado" — que se desfia em suas cartas e do empenho em "dandar pra ganhar vintém", o escritor conseguiu imprimir sistematicidade orgânica ao que ele vislumbrava como embrião universitário.

Atualmente sob a desculpa da crise, a linha adotada pelas agências de suporte à Universidade é a de distribuir indigência a mancheias. Há, como todos sabemos e padecemos, um congelamento de verbas total em nossa área. O dinheiro que recebemos em 84 compra a metade ou um terço das previsões de 83. Qual a saída oficial? Quem não tem cão, caça com gato. Já que é impossível manter as assinaturas de revistas especializadas, sugere-se cortar as listas a cinco ou dez títulos mais representativos, isto é, os dos periódicos mais consultados. E isto não é gato: é lebre. Uma biblioteca se monta ou a sério ou se desiste de querer uma Universidade como tal. Não interessa se com ela acontece o que com a do cardeal da Cunha, que era apelidada "as onze mil virgens". O que para o cardeal português podia soar como demérito e sinal de ignorância, há de ser indício de previdência administrativa universitária. Com saúde e educação, o jogo só admite um lance: tudo ou nada.

A indicação da CAPES se parece a uma Cobal da Cultura. Não podendo oferecer o melhor, sugere-se o trivial. Nada de edições críticas quando houver edições de bolso, mais econômicas. Nada de clássicos no original que custam caro, se podemos ler nas edições da Abril. Pensemos na situação contrária. Nenhum centro internacional de prestígio aplica esse descarnado pragmatismo. Se assim fosse, teriam cabido as tímidas revistas de províncias brasileiras? Certamente que não. Pasmem o leitor: *Travessia*, revista de literatura brasileira desta Universidade, encontra-se completa na Biblioteca de Austin, Texas. Quantas bibliotecas nacionais (a começar pela da própria Universidade-editora), podem

dizer o mesmo? Espero não ver o dia em que tenhamos que mandar trazer as cópias do Texas.

Coordeno, há um ano, o Curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira desta Universidade. Recebo, em função do conceito que o curso obtém perante a CAPES, pouco além de dois milhões de cruzeiros como verbas de custeio anual. As verbas do ano passado deviam ter chegado em maio. Só chegaram à Universidade em agosto. A renovação do convênio era esperada para o mesmo mês deste ano. Mas agosto é mês aziago e até agora (primeiros dias de junho) ninguém pôde me confirmar quando chegará esse dinheiro. Não escapa a ninguém que trabalhar nessas condições não representa apenas uma exploração no sentido clássico do termo. É ademais, um abuso ao nosso imaginário, que se aplica a mirabolantes transformações da água em vinho, porque ainda queremos uma Universidade digna. E, em segundo lugar é um desrespeito profissional aos especialistas alheios ao programa e que conosco colaboram a título de favor. Uma política conservadora só pode reproduzir as relações mais tradicionais e comprometedoras.

É para que não me tachem de economicista, passo a outra questão não menos relevante. O assessor do Conselho Nacional de Pesquisa para a área de Letras, Prof. Afonso Romano de Sant'Ana, recomenda incentivar a criação de centros voltados para estudos das relações Brasil-África e Brasil-América Latina. Perfeitamente. José Veríssimo, setenta anos atrás, considerando que somos "filhos do mesmo continente, quase da mesma terra, oriundos de povos em suma da mesma raça ou pelo menos da mesma formação cultural, com grandes interesses comuns (concluía que), vivemos nós, latino-americanos, pouco mais que alheios e indiferentes uns aos outros e nos ignorando quase por completo".

Até aí, o discurso de boas intenções que, com variantes, se exuma à mesa de esporádicas confraternizações.

Mas surgem, em nosso caso, dificuldades que a atual política da CAPES até certo ponto estimula. Na medida em que o planejamento de ensino de pós-graduação se orienta pelo modelo americano, não se leva em conta que muitos países hispano-americanos não seguem esse modelo e que, simplesmente, não dispõem de Doutores na área. Ou, por outra, os poucos doutores são aqueles profissionais que, por circunstâncias familiares ou de exílios mais ou menos forçados, se doutoraram

em Universidades francesas ou norte-americanas. Basta esta limitação para desqualificá-los profissionalmente? Cito um caso entre tantos. Em outubro do ano passado, a Prof<sup>ª</sup> Beatriz Sarlo, diretora da principal revista de teoria literária da Argentina, *Punto de Vista*, participou com Angel Rama, Jacques Leenhardt, Antonio Cândido, Roberto Schwarz e outros especialistas, de um seminário fechado na UNICAMP, reunião que contava com financiamento venezuelano. Como temos a sorte de estar na rota entre os dois centros (São Paulo-Buenos Aires) não foi difícil uma permanência em Florianópolis, durante uma semana. Se, em outras circunstâncias, eu tivesse solicitado passagens aéreas oficiais, elas teriam sido negadas e, mais ainda, no cômputo das atividades desenvolvidas efetivamente, o curso não deve ter sido considerado relevante porque a Prof<sup>ª</sup> Sarlo não tem título de Doutora. Naquele momento, inclusive, pesava sobre ela o agravante de ser uma profissional não enquadrada no sistema universitário argentino (a situação mudou hoje: a Prof<sup>ª</sup> Sarlo é titular de Literatura Argentina na Universidade Nacional de Buenos Aires). Esta questão coloca um problema não menos importante. O descalabro da vida universitária nos países do Cone Sul fez com que muitos profissionais deixassem seus países de origem, perdessem cargos oficiais ou, nos casos mais brandos, passassem a trabalhar em instituições particulares. Em nenhum desses casos, a cooperação internacional, que o governo brasileiro mantém com esses países (penso no caso do Uruguai, do Paraguai, do Chile e da Argentina, esta última até bem recentemente), tal intercâmbio não admite a vinda desses profissionais se não estiverem engajados em organismos oficiais. Óbvio: o que vale para o mundo civilizado nem sempre se aplica nos tristes trópicos. Diante de tantas e tamanhas dificuldades para manter um programa de Literatura comparada com os países do Terceiro Mundo, a única saída são os bolsistas da Fundação Fullbright, cujas passagens e proventos vêm desta agência norte-americana. Este trânsito obrigatório pelo aparelho do Estado é prejudicial, ainda, para os profissionais brasileiros. Como destacou o Prof. Salvatore D'Onofrio, ao constituir-se a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística, muitos professores brasileiros, ainda não absorvidos pelos cursos de pós-graduação, poderiam atender à demanda de profissionais nos países africanos, com o qual se teria uma excelente ocasião de estágios de pós-doutoramento.

Tais questões, aliás nada novas, reabrem o debate em torno da Universidade e sua tarefa histórica. A meu ver, cabe à Universidade situar-se no papel de agente dinamizador do processo (não apenas) cultural, sob o risco de se converter em mero apêndice reflexo do desenvolvimento material alcançado pela sociedade. Se isto ocorrer (e o caminho está bem avançado) a Universidade terá abdicado de sua tarefa inovadora e crítica.